

FICHA TÉCNICA

Título original: *Things We Know by Heart*

Autora: *Jessi Kirby*

Copyright © 2015 by Jessi Kirby

Edição portuguesa publicada por acordo com *HarperCollins Children's Books*,
uma divisão da HarperCollins Publishers

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *Maria das Mercês Peixoto*

Revisão: *Mariana Portela/Editorial Presença*

Capa © Grace Lee

Design: *Erin Fitzsimmons*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, maio, 2016

Depósito legal n.º 408 244/16

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

coração (s.m.):

órgão muscular que bombeia o sangue através do aparelho circulatório por meio de contrações e dilatações rítmicas; o centro da personalidade global, especialmente no que respeita a intuição, sentimentos ou emoções; a parte central, interior ou vital de algo

Definição da palavra *coração*

NÃO SEI COMO é que eu soube, quando as sirenes me acordaram quase ao amanhecer, que elas tocavam por causa dele.

Não me lembro de ter saltado da cama, ou de ter atado os atacadores dos sapatos. Não me lembro de as minhas pernas me terem levado pelas escadas abaixo até ao vestíbulo, e depois pelo sinuoso trecho de rua que medeia entre as nossas casas. Não me lembro de sentir os pés baterem no chão, ou dos meus pulmões a inspirarem, ou do meu corpo a correr para alcançar aquilo que o meu coração já sabia que era verdade.

Mas lembro-me de todos os pormenores que se seguiram.

Ainda vejo as luzes azuis e vermelhas, girando espalhafatosamente contra o céu pálido do romper do dia. Oiço as vozes entrecortadas dos médicos. As palavras *traumatismo craniano* repetidas acima da confusão ruidosa dos seus rádios em segundo plano.

Lembro-me dos soluços fundos e sufocados duma mulher que eu não conhecia e não conheço, ainda hoje. O estranho ângulo da sua carrinha, com o capô tapado pelas hastes partidas e flores espalhadas dos girassóis que ladeavam a rua. A vedação, despedaçada e caída.

Lembro-me dos vidros como cascalho, cobrindo todo o asfalto. Sangue. Demasiado.

E o sapato de ténis, a seu lado no meio de tudo aquilo. O coração que eu tinha desenhado na sola com um marcador preto permanente.

Ainda sinto o vazio do seu sapato quando o apanhei do chão, e do modo como a ausência de peso me fez cair de joelhos. Sinto a força das mãos enluvadas que me levantaram e depois me detiveram quando tentei correr para ele.

Não me permitiram. Não quiseram que eu o visse. Por isso, aquilo que mais recordo dessa manhã é estar de pé na berma da rua, sozinha, envolta em escuridão enquanto o dia ia clareando. Luz da manhã sobre as pétalas douradas, espalhadas onde ele estivera caído a morrer.

«Comunicar com os recetores de transplantes pode ajudar os familiares dos dadores no seu sofrimento... De modo global, as famílias dos dadores e os recetores, bem como os seus parentes e amigos, podem beneficiar da troca de pensamentos e emoções sobre as suas experiências com a doação... o dom da vida... Pode demorar meses e até anos até que uma pessoa esteja preparada para enviar e/ou receber correspondência, ou pode nunca chegar a saber nada deles.»

*Programa dos Serviços de Apoio aos Familiares de Dadores
de Órgãos da Life Alliance*

CAPÍTULO UM

QUATROCENTOS DIAS.

Repito o número na minha cabeça. Deixo-o preencher a sensação de vazio enquanto seguro o volante. Não posso permitir que este número passe como sendo apenas mais um dia sem fazer isto. Quatrocentos merece algo, uma espécie de referência. Como 365, quando levei flores à mãe dele mas não à sua sepultura porque sabia que ele teria querido que ela as recebesse. Ou como quando foi na data do seu aniversário. Foi há quatro meses, três semanas e um dia. No dia 142.

Eu tê-lo-ia passado sozinha, pois não suportaria ver os pais dele nesse dia, e porque uma pequenina e secreta parte de mim acreditava realmente que, se ficasse sozinha, talvez houvesse de alguma maneira a possibilidade de ele voltar, tornar a ter dezoito anos, e retomarmos tudo no ponto em que tínhamos interrompido. Ser comigo um finalista do secundário, concorrer às mesmas faculdades, fazermos o nosso último regresso a casa para o fim de semana e irmos ao baile de finalistas, atirmos os barretes ao ar na festa de fim de curso e beijarmo-nos ao sol antes de eles chegarem ao chão.

Como ele não voltou, enrolei-me na *sweatshirt* que ainda tinha um restinho do seu cheiro, ou talvez fosse imaginação minha. Puxei-a bem contra mim e formulei um desejo. Desejei, com muita força, não ter de fazer nada dessas coisas sem ele. E o meu desejo realizou-se. O último ano do secundário transformou-se em neblina. Não enviei a minha candidatura para as faculdades. Não fui comprar um vestido. Esqueci-me até de que havia um céu ou uma luz do sol para encimarem os beijos.

Os dias passavam, um após outro, medidos a um ritmo ininterrupto e interminável. Parecendo infundáveis, mas passando num piscar de olhos — como as ondas que batem na praia, ou as estações do ano que se sucedem.

Ou como o bater dum coração.

O Trent tinha um coração de atleta: forte, regular, com menos dez batimentos por minuto do que o meu. Antes, tínhamos estado deitados peito a peito, e eu tinha abrandado a minha respiração para a pôr a par da dele, tinha tentado enganar as minhas pulsações para o conseguir; mas nunca resultou. Mesmo após três anos, o meu pulso acelerava só ao aproximar-me dele. Contudo, descobrimos juntos a nossa própria sincronicidade, o coração dele batendo a um ritmo lento e firme e o meu preenchendo os espaços intermédios.

Quatrocentos dias e demasiados batimentos cardíacos para contar.

Quatrocentos dias e demasiados lugares e momentos onde o Trent já não existe. E ainda sem resposta de um dos únicos lugares onde existe.

Uma buzina toca atrás de mim, arrancando-me aos meus pensamentos e à sensação de nervosismo no estômago. Pelo espelho retrovisor vejo o condutor a praguejar enquanto se dirige a mim — de mão irada no ar, os lábios cuspindo uma pergunta através do para-brisas: *Que raio está a fazer?*

Perguntei a mim própria a mesma coisa quando entrei no carro. Não tenho a certeza *daquilo* que estou a fazer, apenas de que tenho de fazê-la porque preciso de o ver pessoalmente. Por causa do modo como me senti ao ver os outros.

Norah Walker foi a primeira recetora de um órgão do Trent a contactar a família dele, embora eles só mais tarde soubessem o seu

nome. Os recetores de órgãos podem em qualquer altura dirigir-se às famílias dos seus dadores através do coordenador e vice-versa, mas mesmo assim a carta foi uma surpresa para todos nós. A mãe do Trent telefonou-me no dia seguinte e pediu-me que fosse até lá; e ficámos sentadas juntas na sala de estar luminosa, na casa que guardava tantas recordações, a começar pelo dia em que eu tinha passado por ela a correr pela quinta vez, na esperança de que ele reparasse em mim.

O som de passos tentando alcançar os meus fez-me abrandar apenas o suficiente para o permitir. A voz dele, até então desconhecida para mim, conseguiu colocar as palavras entre os movimentos respiratórios.

— *Eh!*

Respiração.

— *Espera!*

Respiração.

Tínhamos catorze anos. Estranhos até esse momento. Até essas duas palavras.

Quando estava sentada em casa do Trent com a mãe dele, no sofá onde ele e eu costumávamos ver filmes e comer pipocas da mesma tigela, foram as palavras de uma estranha, e a gratidão nelas contida, que me arrancaram do lugar escuro e solitário que eu tinha habitado durante tanto tempo. A carta dela, escrita com mão trémula num papel bonito, melhorou algo em mim nesse dia. Era uma carta respeitosa. Lamentando profundamente a morte do Trent. Profundamente grata pela vida que ele lhe tinha dado.

Nessa noite fui para casa e escrevi-lhe em resposta, o meu próprio agradecimento pelo momento de luminosidade que ela me concedera com as suas palavras. E na noite seguinte, escrevi a outro dos recetores, e depois a outro — cinco ao todo. Cartas anónimas para pessoas anónimas que eu queria conhecer. E quando as enviei para o coordenador de transplantes para que as fizesse seguir, foi com a ténue esperança de que essas pessoas me escrevessem de volta. De que reparassem em mim tal como ele reparara.

Olho de relance sobre o ombro e ali está ele, a sorrir, segurando um girassol mais alto do que eu, com o caule a arrastar no chão atrás dele, com raízes e tudo.

— Sou o Trent — diz ele. — Mudei-me recentemente para o fundo da rua, a pouca distância daqui. Deves viver perto, não? Tenho-te visto correr todas as manhãs esta semana. És rápida.

Mordo o lábio inferior. Sorrio por dentro. Tento não confessar que tenho poupado a minha velocidade para o trecho de rua em frente da casa dele todos os dias desde que a camioneta das mudanças subiu até à entrada da casa e ele saiu.

— Sou a Quinn — respondo.

Respiração.

Escrever as cartas fez-me sentir que podia respirar de novo. Escrevi acerca do Trent e de todas as coisas que ele me tinha dado em vida. Da sensação de conseguir fazer o que quer que fosse. Da felicidade. Do amor. As cartas eram uma maneira de lhe prestar homenagem, e uma esperança de algo mais. Uma mão anónima que se estendia para o vazio, procurando uma conexão. Uma resposta.

Rio-me, porque ele continua ali sem fôlego, e porque parece que ele não se lembra de que tem uma flor gigantesca a pender da sua mão.

— Oh — diz ele, seguindo o meu olhar —, isto era para ti. Eu...
— Passa uma mão nervosa pelo cabelo. — Eu, hum, apanhei-a ali, ao pé da vedação.

Estende-a para mim e ri-se. É um som que quero continuar a ouvir.

— Obrigada — agradeço. E estendo o braço para a receber. A primeira coisa que ele me deu.

Recebi quatro respostas das pessoas a quem ele doou.

Após 282 dias, múltiplas cartas para lá e para cá, documentos de autorização e aconselhamento antecedendo os encontros, a mãe dele e eu fomos as duas de automóvel aos Serviços de Apoio aos Familiares de Dadores de Órgãos e sentámo-nos lado a lado enquanto esperávamos que eles chegassem. Para os conhecermos pessoalmente.

Tal como tinha sido a primeira a dirigir-se a nós por palavras, Norah foi a primeira a estender a mão, e apesar de todas as vezes que eu tinha imaginado o encontro com ela, nada me podia ter preparado para aquilo que senti ao segurar a mão dela e ao olhar para os seus olhos e saber que uma parte do Trent também estava ali. Uma parte que tinha salvo a sua vida e lhe permitira ser a mãe duma pequenita de cabelo aos caracóis que espreitava por detrás das pernas dela e uma esposa para o homem que estava de pé ao seu lado a chorar.

Quando ela inspirou fundo com os pulmões do Trent e levou a minha mão ao seu peito para que eu pudesse senti-los encher e expandir, o meu coração também se encheu a par deles.

Foi o mesmo com os outros que conheci — o Luke Palmer, sete anos mais velho do que eu, que cantou e tocou guitarra para nós, e que podia agora fazer isso porque o Trent lhe dera um rim. Lá estava o John Williamson, um homem de poucas palavras mas caloroso, na casa dos cinquenta, que escrevia belas cartas poéticas sobre a maneira como a sua vida tinha mudado desde que recebera o transplante do fígado, mas que se atrapalhava para encontrar as palavras certas para nos dizer naquela pequena sala de visitas. E depois estava Ingrid Stone, uma mulher de olhos azul-claros tão diferentes dos olhos castanhos do Trent mas que conseguia ver novamente o mundo, e pintá-lo nas suas telas em cores vivas, devido a eles.

Dizem que o tempo cura todas as feridas, mas conhecer aquelas pessoas naquela tarde — uma família improvisada de estranhos reunidos por uma pessoa — curou mais em mim do que todo o tempo que passou nos dias antecedentes.

Foi por isso, quando se passava dia após dia sem resposta do último recetor, que eu comecei a procurá-lo. Foi a razão de o ter procurado — encontros combinados com novas histórias e novos hospitais — até que o encontrei tão facilmente que quase não queria acreditar. Foi também por isso, perante todos os outros, que eu fingi entender as razões pelas quais ele não tinha respondido. Que, conforme nos disse a senhora nos Serviços de Apoio aos Familiares de Dadores de Órgãos, algumas pessoas nunca o fazem, e é a sua escolha.

Agi como se não pensasse nele todos os dias e não estranhasse a sua opção. Como se tivesse feito as pazes com ele. Mas sozinha, naquelas horas intermináveis que se estendem até à eternidade antes do amanhecer, eu voltava sempre à verdade: que não tinha feito as pazes. E não sei se o consigo enquanto não fizer isto.

Ignoro o que o Trent pensaria se soubesse. O que ele diria se pudesse de algum modo saber. Mas já passaram quatrocentos dias. Espero que ele compreendesse. Durante tanto tempo, *eu* fui a única dona do seu coração. Só preciso de ver onde é que ele está agora.

«O coração tem razões que a própria razão desconhece:
sabemos isso de múltiplas maneiras.»

Blaise Pascal

CAPÍTULO DOIS

NÃO HÁ NENHUM sítio onde se possa voltar para trás nesta estrada, mesmo que eu quisesse. Apenas uma descida inclinada por uma vertente ladeada de carvalhos musgosos que se erguem da erva alta e doirada pelo sol do verão. A estrada prossegue assim quilómetros e quilómetros até à costa, onde ele sempre viveu os dezanove anos da sua vida. A uma distância de cinquenta e oito quilómetros.

Quando as árvores finalmente dão lugar a uma vasta extensão azul de oceano e céu no limite desta vila, as minhas mãos tremem tanto que tenho de desviar para o miradouro à beira da estrada. Uma fina linha de nevoeiro cola-se ao rebordo dos rochedos, desfazendo-se ao sol da manhã que se vai espalhando sobre a água lá em baixo. Desligo o motor mas não saio do carro. Em vez disso, desço o vidro e respiro. Respirações lentas e profundas, numa tentativa de sossegar a consciência.

Já aqui estive, em Shelter Cove, imensas vezes antes. Passei por este local e segui até à pequena praia junto à vila em inúmeros dias de primavera e de verão, mas hoje a sensação é diferente. Nada da estonteante expectativa que costumava irromper entre mim e a minha irmã, Ryan, no banco traseiro enquanto seguíamos com a mãe e o pai, a mala do carro apinhada de toalhas de praia e pranchas de *bodyboard*, malas térmicas cheias de comidas que nunca nos deixavam comer em casa. Nada da excitação de liberdade que senti quando o Trent tirou a carta de condução e viemos os dois na sua

carrinha de caixa aberta para passarmos aqui o dia, sentindo-nos adultos e românticos. Hoje apenas há uma sinistra espécie de determinação, e o sentimento de tensão que a acompanha.

Olho para a água lá ao fundo, e ocorre-me um pensamento inquietante. Pergunto a mim mesma se, nalguma das vezes em que aqui estive, terei visto o Colton Thomas. Se o Trent e eu alguma vez teremos passado por ele na rua, cruzando os nossos olhares por meio segundo antes de prosseguir caminho sem pensar mais nisso, como acontece com os estranhos. Desconhecendo completamente que um dia haveria esta ligação entre nós. Antes de tudo. Antes do acidente do Trent, e de escrever cartas, e de conhecer os outros, e antes de eu ter passado tantas noites na esperança de receber resposta do Colton Thomas e de pensar por que razão nunca a recebi.

É uma cidadezinha pequena. Suficientemente pequena para que nos tivéssemos visto nalgum momento das minhas vindas aqui. Mas, mais uma vez, talvez não. Provavelmente ele não passava os verões como o resto de nós fazia. Estudei a cuidadosa cronologia que a irmã dele registava no seu blogue, que foi o que por fim me trouxe até ele. Embora ela só o tenha começado quando ele foi colocado na lista de transplantes, sei que ele tinha catorze anos quando o coração começou o lento e angustiante processo de falência. Ele entrou para a lista de transplantes aos dezassete anos. E teria morrido se não tivesse recebido o telefonema às onze horas da manhã do dia em que completou dezoito anos. No último dia em que o Trent tinha dezassete anos.

Afasto o pensamento e a pesada sensação que o acompanha. Volto a respirar fundo e relembro a mim mesma que tenho de agir com muita cautela. Já infringi demasiadas regras, escritas e não escritas, protocolos destinados a proteger tanto as famílias dos dadores como as dos recetores de saberem demasiado. Ou de terem demasiadas expetativas.

Mas quando descobri o Colton, e toda a sua história exposta a qualquer um, substituí mentalmente essas regras por um novo conjunto. Regras e promessas que tenho repetido vezes sem conta, que me trouxeram até tão longe e que me apoiam o suficiente para voltar à estrada enquanto as repito: vou respeitar o desejo do Colton

Thomas de não estabelecer contacto, apesar de achar que nunca vou entender isso. Apenas quero *vê-lo*. Ver quem ele é na realidade. Pode ser que consiga entendê-lo. Ou pelo menos que fique em paz com ele.

Não vou interferir na sua vida. Não vou falar com ele, nem sequer ouvir o som da sua voz. Ele nem vai saber que eu existo.

Estaciono do outro lado da rua da Good Clean Fun e desligo o motor, mas não saio do carro. Em vez disso aproveito o momento para absorver os pormenores da loja, como que na possibilidade de ver algo que me possa dizer mais sobre o Colton do que todos os *posts* que a irmã dele publicou. É exatamente como nas fotos que eu já tinha visto: pranchas de *bodyboard* e caiaques cuidadosamente empilhados enchem as prateleiras de ambos os lados da porta, salpicos garridos de amarelo e vermelho contrastando com a manha cinzenta. Por detrás deles consigo ver através da montra, onde uma variedade de fatos de mergulho e de coletes salva-vidas se encontram pendurados em filas bem ordenadas, prontos para os clientes que procuram aventuras. Nada para além do que eu esperava. Mesmo assim, é estranho vê-la agora, uma loja por onde eu devo ter passado mais do que uma vez e a que nunca prestei atenção. Hoje é um lugar que eu sinto que conheço, com uma história feita de muito mais do que o equipamento exposto.

A loja ainda não está aberta, e a rua está quase vazia; mas mais acima, onde o paredão faz uma saliência para dentro do oceano picado e cinzento, os habitantes locais já andam na rua, começando os seus dias. Surfistas salpicam a água de um e de outro lado das estacas cobertas de mexilhões. Um pescador põe o isco no anzol antes de lançar a linha sobre o gradeamento. Duas senhoras de idade, vestindo fatos de treino, caminham a passos enérgicos ao longo da água, conversando e erguendo os braços com entusiasmo. E no parque de estacionamento ao lado do molhe, três tipos de calções desportivos e havaianas estão encostados ao gradeamento, a observar as ondas enquanto o vapor se eleva preguiçosamente em círculos dos copos de café que seguram.

Decido que o café pode ser uma boa ideia. Nem que seja para ter algo nas mãos. Pode ser que seja o suficiente para as pôr firmes.

E se encontrasse algum dar-me-ia algo para fazer em vez de ficar sentada no lado oposto da loja à espera, e a cada segundo menos segura de mim.

Algumas portas adiante, do lado da rua onde me encontro, está uma tabuleta que parece promissora: THE SECRET SPOT. Dou mais uma olhadela à loja fechada que aluga equipamentos para desportos náuticos, depois saio do carro e sigo pelo passeio, tentando parecer confortável e descontraída, como se pertencesse aqui.

O ar está espesso com o nevoeiro matinal e o cheiro salgado da água, e embora o dia vá aquecer, ainda está suficientemente frio para me deixar os braços arrepiados enquanto caminho. Quando empurro a porta do estabelecimento, o cheiro a café envolve-me, bem como as notas suaves de guitarra acústica que saem do pequeno altifalante sobre a porta. Os meus ombros descontraem-se um nadinha. Quase me apetece ter mesmo vontade de tomar um café, talvez dar um passeio pela praia, e ir-me embora sem mais avanços. Mas sei que isso não é verdade. Há demasiadas coisas envolvidas nisto, e nele, para que eu consiga fazê-lo.

Estremeço ao ouvir a voz que vem do outro lado do balcão.

— Bom dia! Já vou ter consigo. — A voz é calorosa. Amigável, como um sorriso.

— Está bem — respondo, consciente de quão tensa a minha voz soa, em contraste. Como se tivesse perdido a prática de interagir com pessoas. Tento rapidamente pensar em qualquer outra coisa para acrescentar, mas em vão. Em vez disso, dou um passo atrás e observo à minha volta. É um lugar acolhedor, com paredes de um azul-turquesa escuro que fazem sobressair as fotos a preto e branco com motivos de *surf*. Por cima de mim, velhas pranchas de *surf* pendem lado a lado do teto, presas por laçadas de uma corda náutica usada. Junto ao balcão mais uma prancha de *surf* — esta com um bocado cortado em forma de dentada — encostada à parede, servindo de quadro com a ementa escrita à mão.

Não tenho fome nenhuma, de qualquer modo leio-a, à procura de um burrito para um pequeno-almoço diferente do habitual. O preferido do Trent, principalmente depois do treino de natação matinal.

Quando ele se despachava cedo, e tínhamos tempo antes da escola, íamos ao centro da cidade e comprávamos um para partilharmos no nosso pequeno lugar secreto: um banco de jardim escondido atrás do restaurante e voltado para o riacho. Às vezes conversávamos — sobre o próximo jogo dele ou meu, ou sobre os nossos planos para o fim de semana. Mas as vezes que eu preferia eram aquelas em que ficávamos apenas ali sentados com o som suave da água a correr sobre as rochas e o silêncio calmo que vem de nos conhecermos um ao outro tão bem.

Um rapaz com cabelo louro despenteado e olhos azuis vivos surge da porta da cozinha, enxugando as mãos a uma toalha. — Desculpe a espera — diz ele, lançando-me um sorriso de um branco que contrasta com o bronzeado do rosto. — O meu colaborador ainda não chegou. Não faço ideia por que razão. — Faz sinal com a cabeça para indicar o quadro de giz que regista as condições do dia para a prática do *surf*: *swell de sul com ondas de 6 pés, brisa offshore... vamos a isso!*

Quando ele olha pela janela para a praia e encolhe os ombros, fico com a impressão de que não está muito preocupado.

Não digo nada. Faço de conta que estou a examinar a ementa. O silêncio é um bocadinho constrangedor.

— Ora bem — diz ele, juntando as mãos —, o que posso preparar-lhe agora?

Na verdade eu não quero nada, mas estou aqui, e parece demasiado tarde para me pôr a andar. Além disso, ele tem um ar simpático.

— Vou tomar um moca — respondo, num tom de voz pouco seguro.

— É tudo? — pergunta ele.

Aceno afirmativamente. — É.

— Tens a certeza de que não queres mais nada?

— Sim. Quero dizer, não, obrigada. Tenho a certeza. — Os meus olhos voltam-se para o chão, embora sinta que ele está a olhar para mim.

— Tudo bem — diz ele após um longo momento. A sua voz agora mais gentil. — Venho já trazer-to. — Aponta para as mesas vazias. — Tantos lugares, escolhe o que quiseres.

Assim faço, uma mesa mesmo ao cantinho, de frente para a janela. Lá fora, o sol vai rompendo por entre o cinzento da manhã, imprimindo a água de luz e cor.

— Aqui está.

O tipo do café traz uma caneca grande e fumegante e um prato com um *muffin* gigante.

— É de banana com lascas de chocolate — diz ele quando eu ergo o olhar. — Sabe a felicidade. Parece que hoje estás a precisar um bocadinho, por isso fica por conta da casa. E o café também.

Ele sorri e reconheço o modo cuidadoso como o faz. Não é só esta manhã. É o mesmo sorriso que as pessoas me têm dirigido de há uns tempos para cá, que parece exprimir um misto de compaixão e de pena, e pergunto a mim mesma o que vê ele em mim que o faz pensar assim. A minha postura? O tom de voz? É difícil adivinhar depois de todo este tempo.

— Obrigada — respondo. E a seguir tento retribuir-lhe com um sorriso como deve ser, para assegurar a ambos que estou bem.

— Vês? Já está a produzir efeito — afirma, sorrindo abertamente. — A propósito, sou o Chris. Se precisares de mais alguma coisa diz, OK?

Aceno afirmativamente. — Obrigada.

Ele volta para a cozinha, e recosto-me na cadeira, com a caneca quente nas mãos, sentindo-me já um pouco mais calma. Embora ainda consiga ver a loja de caiaques do outro lado da rua, esta distância parece-me segura e razoável. Como se eu não tivesse feito nada de errado ao vir aqui. Lá fora, um surfista passa à minha frente e, num relance, vejo uns olhos verdes e uma pele bronzeada que rapidamente afastam o meu olhar, descendo-o para a espuma do moca. Ele é espetacular. Assusta-me reparar nisso, e faço-o com uma ligeira sensação de culpa.

Um momento depois a porta abre-se completamente, ele encaminha-se de imediato para o balcão sem me ver no meu canto e rapidamente toca a campainha cinco vezes. — Bom dia! Está aqui hoje alguém a trabalhar, ou foram todos para a água?

O Chris volta da cozinha, no rosto um sorriso de familiaridade. — Olha quem esta manhã decidiu dar-nos a honra da sua pre-

sença! — Saúdam-se batendo com a palma da mão um no outro e dão um quase abraço por cima do balcão. — Que bom ver-te, meu. Já voltaste ao *surf*?

— Vi o sol nascer dentro de água — responde o dos tais olhos. — Venho agora de lá. Estava bom, porque não apareceste? — Estende a mão para uma chávena e serve-se a si próprio.

— Alguém tem de governar isto — diz o Chris, bebendo um gole da sua chávena.

— Há alguém que tem as prioridades erradas — comenta o outro, num tom sério.

O Chris suspira. — Acontece.

— Eu sei. Quando não estás a ver — responde simplesmente o amigo. Sopra com cuidado para a chávena. — É por isso que estás agora aqui, para não sentires a falta daquilo.

— Essa foi profunda, pá. — O Chris sorri. — Mais alguma sabedoria que queiras transmitir-me hoje?

— Não. Mas este *swell* deve estar para continuar. Uma sessão amanhã ao nascer do sol?

O Chris inclina a cabeça, reorganizando as suas prioridades.

— Vá lá — sorri-lhe o amigo. — A vida é demasiado curta. Por que razão *não* havias de ir?

— Está bem — diz o Chris. — Tens razão. Às cinco e meia. Queres comer alguma coisa?

Quando uma pequenina parte de mim espera que ele diga que sim para poder ficar, apercebo-me de quão atentamente tenho estado a seguir a conversa deles. E a ele. Consciente do que faço, levo a caneca à boca mais para me esconder atrás dela do que para beber. Forço os meus olhos a voltarem-se para o lado de fora da janela.

— Não, tenho de ir abrir a loja. Há uma família de oito pessoas que vem agora alugar caiaques, e prometi à minha irmã que estaria lá para tratar disso.

As palavras dele, ditas casualmente, atingem-me de imediato, como uma saraivada de setas: *caiaques, loja de aluguer de artigos náuticos, irmã*. O meu estômago dá uma reviravolta com a possibilidade tão real de ser *ele*. Mesmo ali à minha frente, a tão pouca

distância. Esse pensamento faz-me inspirar com força e imediatamente me engasgo com o café. Ambos os rapazes olham na minha direção enquanto eu cuspo e estendo o braço para pegar no copo de água sobre a mesa. Em vez disso entorno a caneca, deitando-a ao chão com um estrondo. O café espalha-se em todas as direções.

O surfista dá um passo para mim quando me levanto de um salto do meu lugar. O Chris atira-lhe um pano por cima do balcão. — Colt, agarra aí.

O coração salta-me do peito, levando consigo todo o ar da sala e deixando-me sem conseguir respirar.

Colt.

Como o Colton Thomas.